

**Maria Metade e as Incompletudes da Alma: o Ser Plural Moçambicano**  
**Maria Metade and the incompleteness of the Soul: the Mozambican Plural**  
**Being**

Cristian Paula Santana<sup>1</sup>

Universidade Federal da Grande Dourados

**Resumo:** Pretendemos neste artigo analisar o conto “Meia culpa, meia própria culpa”, de Mia Couto, mostrando uma entre tantas possíveis perspectivas de análise da obra do autor. Nossa análise tem por intuito explicitar o entre-lugar no discurso de Couto, destacando as práticas sociais presentes no discurso literário, mostrando como o autor relaciona suas personagens com a história de Moçambique e verificando a representação da figura feminina pela perspectiva da identidade em construção. Pensamos a obra de Mia Couto através das relações antagonistas: colonizador/colonizado, homem/mulher, branco/negro, dominador/dominado, etc. Escolhemos essa perspectiva por Mia Couto ser escritor plural e Moçambique ser um país diversificado. Temos como apoio teórico Pierre Bourdieu com a obra *A dominação masculina* (2012) para destacar o papel da mulher e as práticas sociais; também nos baseamos em teóricos como Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011) e Frantz Fanon *Pele negra, máscaras brancas* (2008), entre outros, para discutirmos as questões de identidade.

**Palavras-Chaves:** mulher; identidade; colonialismo.

**Abstract:** We intend in this article to analyze the tale "Meia culpa, meia própria culpa," by Mia Couto, showing one of many possible perspectives of analysis of the author's work. Our analysis has by objective to explicit the between-place in Couto's discourse, highlighting the social practices present in literary discourse, showing how the author relates his personages with the story of Mozambique and verifying the representation of the female figure from the perspective of identity in construction. We think the work of Mia Couto through antagonistic relations: colonizer / colonized, man / woman, white / black, dominating / dominated, etc. We chose this perspective because Mia Couto be a plural writer and Mozambique is a diverse country. We have as theoretical support Pierre Bourdieu with the work *A dominação masculina* (2012) to highlight the function of women and the social practices; also we rely on theorists such as Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011) and Frantz Fanon *Pele negra, máscaras brancas* (2008), among others, to discuss the issues of identity.

**Key-Words:** woman; identity; colonialism.

**Submetido em 29 de setembro de 2016.**

**Aprovado em 27 de dezembro de 2016.**

### **Introdução**

Antônio Emílio Leite Couto, mais conhecido como Mia Couto, nasceu em Beira, Moçambique, no dia 5 de julho de 1955. Desde a infância teve contato direto com as

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Inglês pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, realiza pesquisa na área de Literatura de margem, literatura negra e feminina. Aluna especial do PPG em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: paulasantana1957@hotmail.com

palavras por ser filho de jornalista e poeta. Nas palavras do próprio escritor: “Sou filho de poeta, nasci entre livros e mais do que entre livros, nasci com essa doença de não nos bastar o mundo real” (COUTO, 2007b, p. 1, *apud* FONSECA & CURY, 2008, p. 19). Suas obras, conseqüentemente, sofrem muitas influências de sua meninice.

Suas obras tem a marca da oralidade que é predominante em Moçambique, pois o país possui alto índice de analfabetismo. Assim, Mia Couto intenta escrever/ construir a história, as tradições, as culturas, as identidades e os mitos de seu povo através da literatura. A respeito da oralidade contida em suas obras, Mia Couto fala ao *Jornal de Letras* (2007) que ela tem o propósito de acompanhar

[...] a riquíssima epopeia de sonhos e utopias, de apostas desfeitas e refeitas contra o peso da História. Esse percurso de guerras e dramas fez-se de materiais humanos sublimes, de histórias individuais e colectivas profundamente inspiradoras. São essas vozes que disputam rosto e eco nas páginas dos meus livros. ( *apud* FONSECA & CURY, 2008, p.14)

O que temos expressado nas obras de Mia Couto é a história de Moçambique, um país que tanto sofreu por consequência da colonização. É a representação de uma nação construindo sua identidade e sua história com mudanças social e cultural que encontram espaço na literatura.

Encontramos também na obra (mia)coutiana o fomento da discussão sobre ser africano, ou seja, nas suas obras são problematizados temas como “ser africano” e as influências da colonização e da pós-colonização na identidade. Para Fonseca & Cury “Como estratégia discursiva e até mesmo proposta de posicionamento ético do escritor africano é que Mia Couto procura discutir o que significa africanidade na produção literária” (2008, p. 15).

Para Couto, não há uma identidade africana pura com uma essência única, como está incutido no imaginário popular, longe disso, a identidade africana é vária, com inúmeras heranças culturais e influências diversas.

Desse ponto de vista, o autor propõe em suas obras questões duais como dominado/dominador, colonizado/ colonizador, mulher/homem, negro/branco, pobre/rico. O próprio idioma falado pelo escritor já configura uma questão para discussão, pois Mia Couto

[...] como outros escritores africanos, vive a contradição inevitável, expressa nos seus textos, de ocupar um lugar híbrido de intelectual, publicando numa língua

originalmente do colonizador, mas assumida, por razões políticas, como a língua oficial do colonizado e da literatura (FONSECA & CURY, 2008, p. 23).

Assim, podemos constatar que não apenas suas personagens, mas o próprio autor está em um entre-lugar. Lançando-se a um processo constante de desconstrução do pensamento de uma nação singular para a construção do pensamento de uma nação plural. Plural de história, cultura, religião, língua, costume, mito, etc.

“Meia culpa, meia própria culpa” é um dos contos que compõe a obra *O fio das missangas*, publicado em Lisboa pela Editorial Caminho em 2003, e no Brasil em 2009, pela Companhia das Letras. A seguir falaremos um pouco mais sobre o conto.

### **I - “Meia culpa, meia própria culpa”**

O conto que analisaremos relata a vida de uma mulher que teve sua existência silenciada. Silenciada pela sociedade e silenciada, principalmente, por seu marido. Estamos falando de Maria Metade, uma mulher que não foi inteira nem no nome. Uma mulher que ansiava ser amada, mas nunca o foi, que desejava uma plenitude, mas sua vida é baseada na incompletude do ser, da identidade, como ela mesma diz: “Nunca quis. Nem muito, nem parte. Nunca fui eu, nem dona, nem senhora. Sempre fiquei entre o meio e a metade. Nunca passei de meios caminhos, meios desejos, meia saudade. Daí o meu nome: Maria Metade” (COUTO, 2009, p. 19).

E para agravar sua situação casou-se com Seis. Eis a descrição que Maria Metade faz de seu marido:

A meu esposo chamavam de Seis. Desde nascença ele nunca ascendeu a pessoa. Em vez de nome lhe puseram um número. O algarismo dizia toda a sua vida: despegava às seis, retornava às seis. Seis irmãos, todos falecidos. Seis empregos, todos perdidos. E acrescento um segredo: seis amantes, todas atuais. (COUTO, 2009, p. 19)

Maria Metade e Seis são os representantes de um povo incompleto, incapaz de uma pureza e unicidade de identidade. Uma nação africana que foi colonizada e, conseqüentemente, teve sua cultura, sua religião, seus costumes e seus mitos influenciados pela cultura europeia, mais especificamente, a cultura portuguesa.

Maria Metade é de uma incompletude tamanha que a única forma que ela acredita ter para ser inteira é matando seu marido. Mais do que ser inteira, ao matar Seis, Maria Metade pensa que será emancipada de tudo o que lhe prendia.

A situação da personagem principal é semelhante à situação de Moçambique. É justamente essa relação similar, esses diálogos identitários entre a personagem e Moçambique que pretendemos explicitar em nossa análise.

Para a eficácia desta investigação dividiremos a análise do conto em três partes. A primeira diz respeito à colonização de Moçambique e analogamente discutiremos a situação da personagem enquanto objeto e submissa ao seu marido. Na segunda etapa debateremos a situação de Moçambique na atual pós-colonização e veremos de forma correspondente a situação de Maria Metade após a morte de seu marido. Por fim, veremos como se configura essa identidade pós-moderna na personagem Maria Metade e de forma análoga em Moçambique.

Vele lembrar que todas as nossas análises quanto à identidade moçambicana são realizadas através da literatura, podendo, certamente, outras áreas do conhecimento ter pontos de vista distintos do nosso.

## II- Padecimento em vida

Durante toda sua vida Maria Metade foi objeto, ou seja, teve seus desejos suprimidos e silenciados, de forma análoga Moçambique sofreu ao ser colonizado por Portugal. Em muitas obras, Mia Couto insere a personagem feminina como uma representante da nação moçambicana. Essas relações existentes entre o colonialismo e a situação social da mulher já foram temas de estudos de Thomas Bonnici. Segundo o autor,

Há muita semelhança entre a experiência da mulher no patriarcalismo e a experiência do sujeito colonizado, contra os quais o feminismo e o pós-colonialismo reagem. O feminismo e o pós-colonialismo têm discutido sobre a política de representação e de **identidade** especialmente através da **linguagem**. (2007, p. 209, grifos meus)

Estando nessa posição, a mulher torna-se duplamente colonizada. Em primeiro lugar, é colonizada por fazer parte de uma colônia e em segundo lugar é colonizada simplesmente por ser mulher, e sendo mulher automaticamente é vista como um objeto, capaz apenas de receber ordens, estando sempre à mercê do querer masculino.

Podemos constatar essa colonização dupla da mulher pelo seguinte trecho do conto:

Engravidei, certa vez. Mas foi semiprenhez. Desconcebi, em meio tempo, meio sonho, meia esperança. O que eu era: um gasto, um extravio de coisa nenhuma. Depois do aborto, reduzida a ninguém, meu sofrer foi ainda maior. **Sendo metade, sofria pelo dobro.** (COUTO, 2009, p. 19, grifos meus)

Sendo metade Maria não podia gerar um filho. Esse sofrer pelo dobro que Maria Metade se refere pode ser interpretado como essa dupla colonização referida por Bonnici: “(...) objeto do poder imperial em geral e da opressão patriarcal colonial e doméstica. O fim do colonialismo e o entrelaçamento deste com o patriarcalismo durante a era colonial não aboliram a opressão da mulher nas ex-colônias” (2007, p. 67).

Outra inferência que podemos fazer é encarar a gravidez como uma das inúmeras práticas sociais a que as mulheres devem cumprir. Como se a mulher só pudesse ser completa após ser mãe e assim Maria Metade, sendo metade, jamais alcançaria a plenitude. Essas são uma das inúmeras práticas construídas socialmente. Para Bourdieu “(...) o princípio da visão dominante não é uma simples representação mental, uma fantasia (‘ideias na cabeça’), uma ‘ideologia’, e sim um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos” (2012, p. 54).

Assim, Maria Metade vê na morte um mecanismo de libertação, uma forma de estar livre de sua incompletude. Vale ressaltar que, assim como a personagem vê a morte como uma forma de liberdade, da mesma maneira Moçambique via a pós-colonização (independência de Portugal) como um escape para sua situação precária de dependência.

O conto principia do seguinte modo: “Nunca quis” (COUTO, 2009, p. 19). O querer pressupõe escolha, algo que a personagem nunca experimentou em sua vida. Maria Metade se apagou para viver, ou melhor, para existir. A vida da personagem foi consequência de uma construção ideológica patriarcalista, sendo condenada à inexistência.

Mas é interessante notarmos que essa incompletude não é exclusiva de Maria Metade, Seis também a possuía:

Me tivesse calhado, ao menos, um homem completo, pessoa acabada. Mas não, me coube a metade de um homem. Se diz, de língua girada: o meu cara-metade. Pois aquele, nem meu, nem cara. E se metade fosse, não seria só a cara, mas todo ele, um semimacho. (COUTO, 2009, p. 19)

Por mais que, de forma geral, a sociedade oprima a mulher e exija dela atitudes de submissão, podemos dizer que o homem também possui obrigações que lhe pesam, como se a ideologia dominante estivesse em ruína.

É preciso que se amplie a nossa visão do patriarcalismo para que o vejamos como uma ideologia que aprisiona e restringe os papéis sociais, não apenas das mulheres, mas também com imposições para os homens. Costa (1986) ressaltou alguns pontos dessa ideologia em decadência:

O homem atual começa a demonstrar sinais de cansaço e parece não mais suportar a ‘couraça’ que o envolve e ao mesmo tempo aprisiona... O homem, como ‘dono do poder’, reconhece que algumas condições sociais conquistadas (sair mais cedo de casa, iniciar antes que a mulher a vida sexual, etc.) não tem lhe trazido vantagens. O homem não é feliz como parece; de repente, percebe que a relação de dominação... fez dele o seu próprio prisioneiro. (COSTA *apud* GIFFIN & CAVALCANTI, 1999)

Maria Metade e Seis não chegavam a ser um, pois ambos estão presos em suas incompletudes identitárias. Mia Couto ilustra nesse conto não só a imprecisão de identidade das personagens, mas a complexidade de identidade de um povo. Povo este que se encontra dividido entre sua cultura e a cultura do colonizador, entre sua língua e a língua imposta durante a colonização, entre o Eu e o Outro, em uma relação de alteridade. É o destino de Moçambique e de outros países que também sofreram colonização. São povos que possuem uma diversidade cultural e que tem uma identidade fragmentada, como já explicitou Stuart Hall:

(...) as identidades modernas estão sendo ‘deslocadas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas. [...] O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. (2011, p. 8; 12)

Como mencionado anteriormente, o próprio escritor Mia Couto está inserido nessa espécie de entre-lugar do discurso. O autor fala do povo moçambicano colonizado, mas é filho de portugueses. Expressa a cultura africana, mas a maior parte de suas obras é publicada no Brasil tendo como maioria de leitores os próprios brasileiros. Assim, o papel de Mia Couto vai além de escritor, torna-se um historiador, um construtor da cultura moçambicana. Desse ponto de vista,

Fazer literatura é então fazer arte, no duplo sentido da expressão: uma forma compartilhada de redimensionamento da heterogeneidade própria às práticas sociais,

políticas e culturais; uma abertura de caminhos para a desestabilização de identidades confortadoras. (MIRANDA, 2008, p. 104)

O que antes era expresso pela visão dos colonizadores, dos dominadores e dos europeus, está mudando, justamente através da literatura dos povos colonizados, mostrando ao mundo como de fato é a realidade moçambicana. Atualmente, a literatura está sendo manifestada através de pontos de vistas diferentes, ou seja, o próprio marginalizado está mostrando a sua história.

Outro ponto a ser destacado no conto é a estrutura usada pelo autor. O conto é narrado na primeira pessoa e Maria Metade é quem narra a sua própria história a um escritor. Mas Mia Couto vai além. Maria Metade narra sua história de forma que nós leitores assumimos o papel de escritor, pois Mia Couto recheia o conto com marcas dialógicas, como em:

Pede-me o senhor que relate o sucedido.[...] Não é verdade, senhor escritor? [...] É por causa desse crime que o senhor está aqui, não é assim? [...] O senhor não está aqui por mim. Mas por minha história. [...] Por isso lhe peço, doutor escritor. (COUTO, 2009, p.19-21)

Por toda a extensão do conto há marcas de diálogos entre Maria Metade e o escritor, como se o conto fosse uma confissão do crime que ela cometera, o único meio de a personagem obter voz própria. A literatura configura-se como um dos principais meios de expressão do ser colonizado. Esse silenciamento é explicitado em:

Pois, conforme lhe antedisse: a verdade não confio a ninguém. **Verdade é luxo de rico. A nós, menores de existência, resta-nos a mentira.** Sou pequena, a minha força vem da mentira. A minha força é um mentira. Não é verdade, senhor escritor? (COUTO, 2009, p. 19, grifos meus)

Uma analogia que podemos fazer em relação à fala acima é que, por muito tempo, e até hoje, (infelizmente) a história contada pelos europeus é encarada como a verdadeira história e qualquer pronunciamento daqueles que estão na margem, seja negro ou mulher, é encarado como uma farsa, como algo dito por recalçamento.

E as críticas do autor vão além:

Por isso, lhe deitei o aviso: eu minto até a Deus. Sim, Lhe minto, a Ele. Afinal, Deus me trata como meu marido: um nunca me olha, o Outro nunca me vê. Nem um nem outro me ascenderam a essa luz que felicita outras mulheres. Sequer um filho eu tive. Que ter-se filhos não é coisa que se faça por metade. E metade eu sou. Maria Metade. (COUTO, 2009, p. 19)

A relação de Maria Metade com Deus refere-se a um mito citado por Mircea Eliade em *O sagrado e o profano* :

Os bantos dizem: 'Deus, depois de ter criado o homem, já se não preocupa mais com ele.' E os negrilhos repetem: 'Deus afastou se de nós!' As populações Fang da pradaria da África equatorial resumem sua filosofia religiosa no seguinte cântico: (...)Deus (Nzame) está no alto, o homem está embaixo.(...) Deus é Deus, o homem é o homem. (...) Cada um no seu país, cada um em sua casa.( 1992, p. 63)

De acordo com esse mito algumas pessoas na África, especificamente os povos chamados bantos, acreditam que são criaturas de Deus e que Este os criou e os abandonou na terra. Como se a relação entre o criador e a criatura se limitasse à gênese. É assim que Maria Metade se sente: abandonada em uma vida com muitos padecimentos, e acredita que será livre apenas depois da morte de Seis.

### III- Sonhos na morte

Maria Metade não se prende aos padecimentos que tem em vida. Ela encontra nos sonhos a esperança de dias melhores. Nos sonhos Maria Metade ganha voz, e mais do que voz, ganha direito de usá-la. Nos sonhos é capaz de ser sujeito de sua própria história e não mais um objeto à mercê dos desejos alheios:

Pois lhe confesso: aqui, penumbreada nesta prisão, não sofro tanto quanto sofria antes. É que aqui, sabe, acabo saindo mais que lá em minha casa natal. Vou onde? Saio pelo pé de meu pensamento. Por via de lembrança eu retorno ao Cine Olympia, em minha cidade de outro tempo. Sim, porque depois de matar o Seis reganhei acesso a minhas lembranças. (COUTO, 2009, p. 20)

Neste trecho do conto temos um jogo simbólico feito por Mia Couto. Enquanto Maria Metade estava livre, seus pensamentos estavam aprisionados por Seis, em seguida, quando mata seu marido e é presa, seus pensamentos se libertam. E não mais possui uma vida submissa, ao menos não em sonhos. Assim temos essa dualidade: Liberdade física significa prisão de pensamento, e o seu aprisionamento significa a libertação de suas lembranças.

É interessante notar Mia Couto cita o Cine Olympia duas vezes no conto e, ao ser mencionado, ele assume papéis diferentes. Inicialmente é mais um lugar de opressão para Maria Metade:

Não entrava no cinema que me estava interdito. Eu tinha a raça errada, a idade errada, a vida errada. Mas ficava no outro lado do passeio, a assistir ao riso dos



alheios. Ali passavam as moças belas, brancas, mulatas algumas. Era lá que eu sonhava. Não sonhava ser feliz, que isso era demasiado em mim. (COUTO, 2009, p. 20)

Maria Metade foi tão incompleta que não chegou a sonhar em ser feliz. Cativa por pertencer a uma determinada raça, a uma classe social que lhe aprisionaram até os sonhos. Por consequência de uma cor milhares de pessoas têm seus direitos roubados, e mais do que roubados, são violados por simplesmente não terem nascido com a cor “certa”.

Mais adiante Maria Metade recebe conselho de sua mãe: “- Sonhe com cuidado, Mariazita. Não esqueça, você é pobre. E um pobre não sonha tudo, nem sonha depressa” (COUTO, 2009, p. 20). Assim, constatamos que não se trata de algo efêmero, do contrário, é uma servidão passada de geração para geração, a pobreza não apenas nos condena, mas condena também nossa descendência.

Esse sonhar comedido é a realidade de muitas pessoas. São as limitações que a vida lhes impõem, seja pela classe social, pela cor, etc. É como se a pessoa que nasceu pobre **ou** negra, e no pior dos casos pobre e negra, fosse vista como um incapaz.

Maria Metade, além de ser negra e pobre, tinha um “agravante” a mais em sua ficha: era mulher. Assim podemos falar que a personagem era triplamente inferiorizada pela sociedade: “Sob vigilância de minha velha mãe, eu cuidava de não sonhar tudo, nem depressa. Ainda que fossem metades de sonhos, esses pedaços ainda me adoçam o sono, deitada no frio da cela” (COUTO, 2009, p. 20).

Do mesmo modo que Maria Metade sonhava antes de se casar com Seis, ela também sonha depois que Seis está morto. Esse fato é análogo à colonização de Moçambique. Quando colonizado o país pensava que, com a independência, tudo seria diferente, mas na pós-colonização já podemos constatar que Moçambique nunca mais será a mesma. Não voltará às suas antigas origens, pois séculos de colonização certamente deixam rastros e influências, sejam na língua, na cultural, na música, etc.

Mia Couto insere outra simbologia no conto. O símbolo é o Céu que aparece duas vezes no conto: “Quer saber como sucedeu? Foi em tarde de cinza, o céu descido abaixo das nuvens. [...] Chovia, de lavar céu.” (COUTO, 2009, p. 20). Eliade explica o simbolismo religioso relacionado com o céu. De acordo com o estudioso,

A simples contemplação da abóbada celeste é suficiente para desencadear uma experiência religiosa. [...] O Céu revela, por seu próprio modo de ser, a

transcendência, a força, a eternidade. Ele existe de uma maneira absoluta, pois é elevado, infinito, eterno, poderoso. (1992, p. 60)

Como se a morte de Seis tivesse aproximado Maria Metade de Deus. Esse feito levaria Maria Metade à plenitude. O ato de matar Seis já havia passado pela cabeça de Maria Metade: “Naquela vez, já a decisão me havia tomado.” (COUTO, 2009, p. 20). O sofrimento da personagem era tão grande que ela já havia anteriormente cogitado a ideia de que matar seu marido era o único meio de libertação e completude.

Podemos constatar que todo o conto é construído através de representações. Maria Metade representa a mulher, negra, colonizada, dominada. Já Seis é o estereótipo do homem branco, colonizador, dominador. São personagens antagônicos.

Mas por um momento a libertação de Maria Metade foi ameaçada: “Então, quase derrapei em minha decisão. Estava-se emendando fatalidade? É que, por primeira vez, meu marido me olhou.” (COUTO, 2009, p. 21) Maria Metade era tratada como um objeto sem subjetividade, sem desejos, sem voz e quando finalmente Seis descobre sua existência, a personagem principal titubeia em sua decisão de emancipação.

Apesar de acreditar que matando Seis teria sua alforria, Maria Metade não consegue sua tão sonhada completude:

Relatei o sucedido, tudo de minha autoria. Mas não confesso crime, senhor. Não. Afinal, não fui eu que lhe tirei vida. A vida, a bem dizer, já não estava nele. O que sucedeu, sim, foi ele tombar sobre o punhal, tropeçado em sua bebedeira. O Seis, meu Seis, se convertera em meia dúzia. A condizer com a minha metade de destino. (COUTO, 2009, p. 21)

Mesmo durante o ato de assassinato Maria Metade não foi capaz de ser completa. Como se a incompletude fosse um círculo vicioso: “Não o matei. E disso tenho pena. Porque esse assassinato me faria sentir inteira. Por agora, prossigo metade, meio culpada, meio desculpada.” (COUTO, 2009, p. 21).

A personagem foi incompleta até mesmo em sua ação de libertação, da mesma maneira, Moçambique, em seu processo de independência, não pode ser completo. O país atualmente passa por uma dependência mental, como se a colonização ainda ocorresse no imaginário dos moçambicanos devido à globalização.

Assim, o escritor assume o papel de completar a identidade de Moçambique, como o narrador do conto assume o papel de completar Maria Metade mesmo que seja através de uma mentira: “Por isso lhe peço, doutor escritor. Me ajude numa mentira que

me dê autoria da culpa. Uma inteira culpa, uma inteira razão de ser condenada. Por maior que seja a pena, não haverá castigo maior que a vida que já cumpri” (COUTO, 2009, p. 21).

Sendo assim, o escritor ganha o status de historiador, de porta-voz de uma nação que por muito tempo foi silenciada pela colonização. Por fim, Maria Metade volta ao mundo dos sonhos:

E agora, por amor dessa mentirosa lembrança, o senhor me abra a porta do Cine Olympia. Isso, faça-me esse obséquio, lhe estou agradecendo. Para eu, finalmente, espreitar essa luz que vem de trás, da máquina de projetar, mas que nos surge sempre pela frente. E sente-se comigo, aqui ao meu lado, a assistirmos a esse filme que está correndo. Já vê, lá na tela, o meu homem, esse que chamam de Seis? Vê como ele, agora, no escurinho da sala está olhando para mim? Só para mim, só para mim, só. (COUTO, 2009, p. 21)

Após a morte de Seis, finalmente Maria Metade ganha passagem para entrar no Cine Olympia, como se a morte fosse um passaporte, um ticket de livre passagem, que anulasse sua classe social e, principalmente, que abolisse sua cor.

### **Considerações finais: construção de identidades plurais**

As identidades apresentadas no conto de Mia Couto são identidades fragmentadas, identidades pós-modernas. É uma eterna incompletude que se instala no ser. O sujeito colonizado, que antes tinha uma identidade corrompida pela colonização, passa a ter uma identidade plural, dotada de influências europeias e incapaz de ter uma pureza e unicidade. De acordo com Hall,

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (2011, p. 13)

Essas influências pós-modernas podem ser percebidas na literatura, mas principalmente nas culturas, nos mitos, nos costumes, e em especial na língua do país, pois Moçambique tem como língua oficial o português, mas possui diversos dialetos que foram criados justamente a partir da Língua Portuguesa.

A língua pode ser considerada um dos meios mais eficazes de se expressar a cultura de um povo e foi justamente a língua, imposta durante a colonização, que continuou em voga em Moçambique após a independência. Para Hall, a manifestação

linguística engloba maiores significados. Para o teórico, “(...) Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (2011, p. 40).

Ou seja, ao falar, o povo moçambicano não apenas pronuncia a língua portuguesa, mas também manifesta uma cultura e uma história portuguesa que, de certa forma, também faz parte da cultura e da história de Moçambique.

As personagens do conto *Meia culpa, meia própria culpa* representam as várias identidades aqui discutidas. Seis é o representante do colonizador, o dominador que impõe as regras a serem seguidas. Maria Metade é o povo Moçambicano colonizado, sujeitado aos desejos do colono.

Após a independência, que no conto é análogo à morte de Seis, Moçambique pensa que terá uma liberdade e autonomia em relação a Portugal. Da mesma maneira, Maria Metade pensa que estará livre de tudo sofreu com Seis, mas do contrário, o povo moçambicano e Maria Metade ficam de certa forma deslocados.

Esse deslocamento identitário se dá ao fato de que antes havia um modelo, um padrão a seguir, e atualmente é necessário que o próprio povo moçambicano crie sua história e cultura, ambas com incontáveis influências trazidas pela colonização portuguesa. Agier também comenta a respeito dessa identidade deslocada, tanto do homem quanto da mulher :

Toda identidade, ou melhor, toda declaração identitária, tanto individual quanto coletiva (mesmo se, para um coletivo, é mais difícil admiti-lo), é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato. (2001, p. 10)

Essa identidade heterogênea vai além do campo individual, abarca também uma coletividade que por muito tempo teve seus direitos corrompidos. São os países que foram colonizados e atualmente buscam a (re) construção de sua história e identidade. Além do desafio de criar a sua própria história e identidade, cabe a superação da dupla colonização, não só por parte das mulheres, mas de toda a sociedade. Para Bonnici

(...) as mulheres dos países que conquistaram a independência tinham de continuar a luta para que a ideologia patriarcal tradicional pudesse ser transformada e atitudes mais igualitárias adotadas [...] A emancipação feminina continua sendo uma luta no período pós-colonial e um desafio para que a mulher, outrora duplamente colonizada, possa continuar sendo agente de sua história. (2007, p.111-112)

Para Boudieu o colonizador constrói a imagem do colonizado e o colonizado constrói a imagem do colonizador, como algo cíclico. Além disso, essas imagens são perpetuadas

... a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, *espontânea e extorquida*, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos *efeitos duradouros* que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõe. (2012, p. 50)

Podemos constatar assim que a independência mental de Moçambique só será efetivada após uma mudança de postura, não apenas de Portugal, mas principalmente de Moçambique. É necessário ter em mente que Portugal faz parte da história de Moçambique, mas cabe a este último encarar sua história e identidade com influências, e não dependências, portuguesas.

Em “A nação entre o esquecimento e a memória: para uma narrativa democrática da nação”, Achugar diz que “O discurso de e sobre a nação é representado em múltiplos cenários e é constituído por múltiplos sujeitos pertencentes a múltiplos discursos.” (2006, p. 156). É exatamente essa visão que temos que ter, não apenas em relação a países colonizados como Moçambique, mas em relação a todos os países, que graças à globalização, possuem intensas ligações.

Essa construção de uma identidade plural moçambicana pode ser realizada através, e principalmente, da literatura escrita por autores como Mia Couto. Esses escritores são capazes de ter uma visão diferenciada da realidade, justamente por estar inseridos nesse entre-lugar.

## Referências

ACHUGAR, H. A nação entre o esquecimento e a memória: para uma narrativa democrática da nação. In: *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. 2006, p. 151-166.

AGIER, M. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. Mana vol.7 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0104-931320010002&script=sci\\_issuetoc](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0104-931320010002&script=sci_issuetoc) . Último acesso em: 30 de set. 2015.

BONNICI, T. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

COSTA, M. *Macho, masculino, homem*. São Paulo: Siciliano, 1986.

COUTO, M. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, M. N. S.; CURY, M. Z. F. *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

GIFFIN, K. ; CAVALCANTI, C. *Homens e reprodução*. Periódicos UFSC, Estudos feministas, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11954/11221>. Último acesso em: 26 de ago. 2015.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora. 2011.

MIRANDA, W. M.. Memória: modos de usar. In: CUNHA, E. L. *Leituras críticas sobre Silvano Santiago*. 2008, p. 97-107.